Capítulo V — Segunda dificuldade: Destruir o paganismo

I

Os pagãos não se mostravam menos apegados que os Judeus à sua religião. Para elevar esse apego ao mais alto grau, ao sentimento religioso juntava-se o interesse das paixões. Longe de as constranger, o paganismo lisonjeava todas as inclinações mais caras ao homem decaído. O espírito não era obrigado a curvar seu orgulho sob o jugo de mistérios impenetráveis. Nenhuma autoridade o obrigava, aliás, a receber como regra de crença o que lhe aprazia rejeitar.

II

A moral do paganismo não era mais incômoda que o dogma. Deixava o coração completamente livre em suas afeições. Os desregramentos para os quais o homem sente tão imperiosa inclinação eram não somente permitidos, eram honrados: concediam-se-lhes até recompensas. Que digo? Consagrados pelo exemplo dos deuses, eram de algum modo obrigatórios. Os excessos de intemperança e de luxúria formavam o fundo dos mistérios de Baco, de Cibele e de Vênus. Entregar-se à prostituição pública era um ato de religião.

III

A ideia de uma vida futura não espalhava amargor algum sobre os prazeres da vida presente. Para a maioria dos pagãos, a morte era o retorno ao nada. Os mais hábeis admitiam a transmigração sucessiva das almas, que acabavam todas por chegar à felicidade. Em seu Tártaro, mais ou menos eterno, só se puniam certos crimes monstruosos, pelos quais os homens têm naturalmente horror e que quase todos evitam sem esforço. As demais desordens não fechavam a entrada dos Campos Elísios.[^1]

IV

O culto do paganismo não era menos atraente que o seu dogma e a sua moral. Para honrar os deuses, ia-se a templos soberbos. Sacerdotes, magnificamente vestidos, imolavam vítimas ornadas com pompa. Adolescentes de um e de outro sexo, trajados de longas vestes brancas e coroados de flores, serviam de ministros.

Os imperadores, os cônsules, os magistrados, os senadores, com as insígnias de sua dignidade, realçavam com sua presença o brilho das cerimônias. O ar estava cheio de doces perfumes, queimados com profusão. As mais belas vozes e os instrumentos mais agradáveis formavam concertos arrebatadores. O sacrifício era seguido de banquetes, de danças, de jogos, de combates de gladiadores, de iluminações, de espetáculos feéricos. A essas festas religiosas, Roma consagrava quase metade do ano.[^2]

V

Acrescentai que tudo o que pode autorizar um culto apoiava essa religião tão cômoda. Sugara-se-a com o leite; olhava-se-a como a mais preciosa herança dos antepassados. Os povos estimavam que sua felicidade estava ligada a ela; faziam dela o fundamento de suas repúblicas e de seus Estados. Era-lhes tão cara que combatiam em sua defesa com mais ardor do que pela própria vida.

VI

Essa religião era tão antiga que sua origem se perdia na noite dos tempos. Cria-se que começara com o mundo e que os próprios deuses eram os seus autores. Todos os séculos, todas as nações lhe davam testemunho. Os maiores oradores a vingavam dos ultrajes que se ousava fazer-lhe, e muitas vezes os deuses faziam explodir sua cólera contra os profanadores por castigos exemplares. Os generais de exército, os mais soberbos conquistadores não ousavam partir para suas expedições sem ir solenemente invocar os deuses, em cujos templos vinham, na volta, pendurar os troféus de suas vitórias.

VII

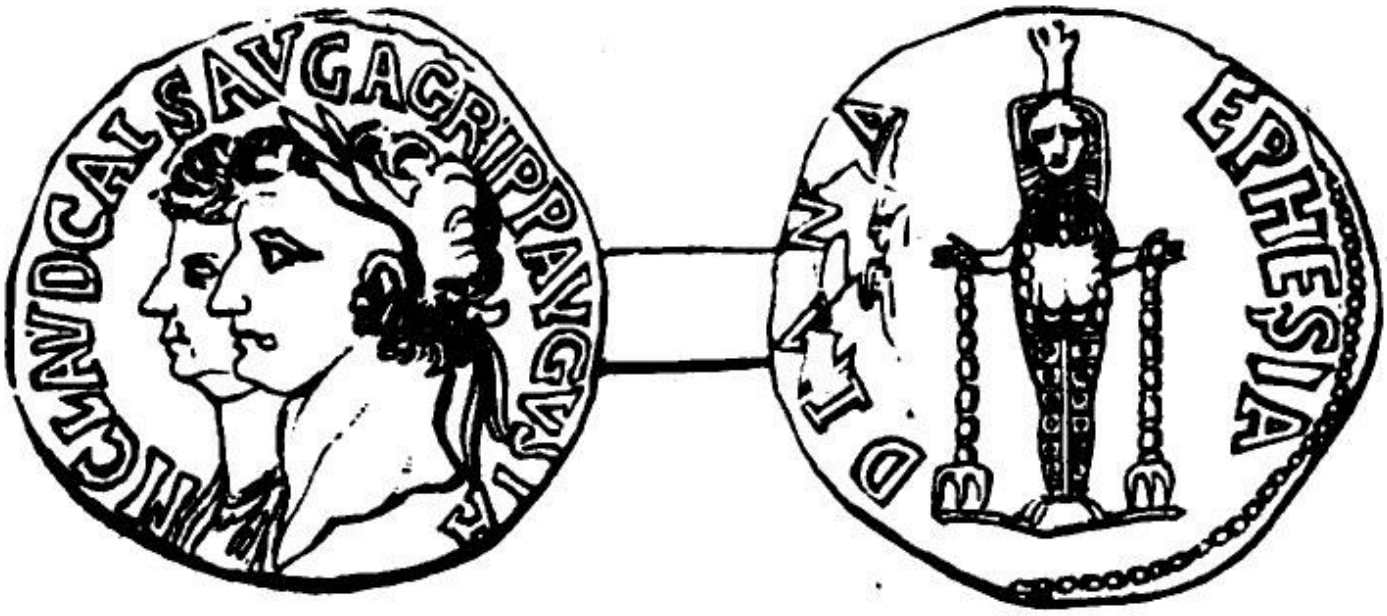
Se os deuses faziam sentir sua cólera, faziam também experimentar sua poderosa proteção. O mundo estava coberto de templos cheios de inscrições que perpetuavam a lembrança de seus benefícios e o reconhecimento dos que os haviam recebido. As histórias estavam cheias de seus prodígios. Tal era a confiança que inspiravam seus oráculos que não se ousava empreender coisa alguma sem os ter consultado.

Havia mais de dois mil anos que tudo o que o Oriente e o Ocidente conheciam de mais distinto fora em procissão a certos templos, famosos pela contínua série de prodígios que ali se realizavam todos os dias e onde os deuses apareciam sob forma humana.

Os versos sibilinos prometiam a Roma que conservaria o cetro do mundo enquanto observasse suas antigas cerimônias; e essa cidade mostrava zelo ardente em sustentar uma religião que lhe assegurava tão grandes destinos.

Assim é que o céu e a terra, os deuses e os homens concorriam para firmar o paganismo.

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.



> **Representação do ídolo de Diana de Éfeso.** No anverso, as cabeças do imperador Cláudio e de Agripina. Medalha publicada por Ackerman.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:49:47 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin